

Para a crítica da sustentabilidade

Eduardo Kimpara

Graduando em Ciências Sociais – IFCH Unicamp

A sustentabilidade está em toda parte: nos jornais, na internet, nos anúncios publicitários, no discurso das empresas e dos políticos, na agenda de pesquisa da academia e mesmo na pauta de preocupações da sociedade em geral. A partir desse quadro de popularização do termo, alguém poderia supor a emergência de uma nova dinâmica nas relações humanas, tanto no seio da sociedade, quanto em relação ao meio ambiente. Com efeito, o apelo da sustentabilidade demonstra um grande avanço na consolidação da consciência ambiental. Contudo, um exame mais atento mostrará que nessa difusão da ideia de sustentabilidade há muito mais uma adaptação do significado do termo aos interesses próprios dos grupos determinados que o adotam. Isso permite que certos grupos e atores falem de uma “vulgarização” do termo, quando aplicado a contextos em que a princípio não caberia a sustentabilidade. Desse modo, a despeito do aparente consenso, a polissemia do termo tem se apresentado mais como uma dificuldade do que como uma possibilidade de agregar atores e articular ações políticas coerentes. O espaço de indefinição torna as possíveis alianças frágeis e instáveis. A promessa da sustentabilidade encontrou seus limites em outras construções políticas e sociais: o crescimento econômico, a soberania nacional, o processo democrático, o comércio internacional, a desigualdade social, o sistema capitalista, etc. Ainda que a noção de desenvolvimento sustentável tenha sido importante para superar o impasse que se estabeleceu, no início da década de 1970, entre as possibilidades de melhoria nas condições de vida – principalmente no Terceiro Mundo – mediante o crescimento econômico e a preservação do meio ambiente; ela se mostra insuficiente para dar conta da complexidade da atual situação global.